



| PROJETO DE VIDA • VICKY BLOCH

NOVA EDUCAÇÃO PARA ENTENDER O MUNDO

Estamos vivendo uma transformação social por meio da tecnologia de dimensão bem maior do que imaginamos. Participei, em 2017, de um programa de imersão na Singularity, universidade no Vale do Silício, onde me surpreendi com o quanto ainda está por vir.

Descobri, por exemplo, que na neurociência já se fala em realizar cirurgias com o cérebro aberto e o paciente acordado, em devolver movimentos a tetraplégicos, em controlar tremedeiras causadas pelo mal de Parkinson. A inteligência artificial e a robótica estão permitindo que as transformações ocorram de forma muito rápida — basta ver a velocidade com que surgiram os carros elétricos sem motoristas.

A Singularity traz uma abordagem bem interessante de que a base das mudanças está na busca da longevidade do ser humano e do planeta. A tecnologia, na visão dessa universidade, não é o problema tampouco a solução; ela é apenas uma ferramenta.

Tal reflexão humaniza a discussão sobre tecnologia e traz para o jogo outros aspectos, como a ética, as regras do jogo e questões como a educação em ambientes com tanta informação disponível. O desafio é grande. Será que estamos preparados para lidar com esse futuro?

Tais mudanças requerem uma importante ação do nosso sistema social, principalmente no que diz respeito à educação. As escolas terão de realizar em pouco tempo uma transformação que nunca foi vista. Elas precisarão ajudar as novas gerações não somente a compreender o que já foi acumulado e serve como referência na história do mundo, mas também

o que será necessário para ser membro dessa nova sociedade. Se a adaptabilidade será uma competência mais importante do que a inteligência para os líderes nas próximas décadas, de que forma as escolas estão se preparando para despertar essa habilidade em seus alunos?

Profissões que existem hoje logo não serão mais necessárias. Muitas pessoas perderão seus empregos, porque suas funções não mais existirão e elas não tiveram tempo de se preparar para essa mudança.

Essa visão simplesmente modifica a forma como nossos filhos estão sendo ensinados. A educação deverá ser mais voltada para o intuitivo e para a capacidade de resiliência do que para o conteúdo. Devemos ajudá-los a encontrar suas paixões, ensiná-los a não desistir, provocá-los a serem curiosos de forma criativa — ou seja, despertar a curiosidade que está na alma de quem quer produzir algo diferente do que já foi feito.

É claro que a tecnologia é importante para nos ajudar nessa trilha, mas também sinto falta de uma discussão mais profunda sobre ética nesse ambiente.

Pode ser que eu esteja contaminada pela preocupação com o momento que vivemos no Brasil, mas acho que a discussão sobre ética e educação deve ganhar um papel mais significativo no contexto de como as tecnologias moldarão o nosso futuro.

E, em um país como o nosso, em que não se investe em pesquisa nem em educação, questiono onde fica o futuro das novas gerações. Cabe a nós, que já vivemos muitos desafios, e aos especialistas nos juntarmos nessas transformações exponenciais para provocar essa conversa.

A EDUCAÇÃO,
NAS PRÓXIMAS
DÉCADAS, DEVERÁ
SER MAIS VOLTADA
PARA O INTUITIVO
E A CAPACIDADE DE
RESILIÊNCIA DO QUE
PARA O CONTEÚDO.